

A PRESENÇA DOS EVENTOS DA ORALIDADE NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi*

RESUMO: Este texto se propõe a fazer uma reflexão acerca da teoria sociolingüística enquanto prática em sala de aula. O enfoque está voltado para um estudo que aborde desde a importância da sociolingüística, passando pelas interferências sociais que envolvem a língua, chegando a sensibilizar os professores que trabalham com o ensino da língua para que em suas práticas pedagógicas, ao ampliarem seus conhecimentos, tornem suas práxis mais produtivas e prazerosas. Para tanto, disporá de referenciais teóricos, tais como Monteiro (2000), Preti (2003) e Labov (1968), entre outros.

Palavras-chave: Sociolingüística; prática pedagógica; teoria; ensino.

ABSTRACT: This text proposes a reflection about the sociolinguistics theory while practices inside classrooms. The emphasis is turned to a study that approaches from the importance of the sociolinguistics, through social interferences that involve the language, to sensitize professors that work with language education so that in their pedagogical practices when developing their knowledge, turn these practices more effective and pleasant. Therefore, theoretical references should be held like Monteiro (2000), Preti (2003), Labov (1968) among others.

Keywords: Sociolinguistics; pedagogical practice; theory; education.

INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, a língua, constitutiva da linguagem, é algumas vezes ignorada em certos aspectos que envolvem a significação. Entre esses aspectos está a experiência comunicacional e o dialogismo, o que corrobora para que se componha quase que exclusivamente por “regras” de “padrões gramaticais,” enquanto que os demais papéis que a língua deveria desempenhar, tais como a valoração do contexto comunicativo, as intenções comunicativas dos sujeitos, suas vivências e a variação lingüística própria de cada um são postas à margem da prática pedagógica. Desse modo, este texto enseja refletir sobre o efetivo uso dos pressupostos sociolingüísticos em sala de aula, desde a teoria até à prática pedagógica, realçar a existência das variantes presentes na língua estendendo a discussão à importância de trabalhá-las em sala de aula, com o objetivo de tornar o ensino/aprendizagem da língua mais pragmático, dialógico e prazeroso.

* Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa. Professora na UNIGRAN.

Assim, estudar, ensinar e aprender uma língua, em uma perspectiva sociolinguística, são tarefas para aqueles que conseguem perceber a dinamicidade a que ela está exposta e derrubar o mito de que somente a língua padrão é a única forma correta de pensar esse ensino/aprendizagem. Diante disso, possibilitar momentos de reflexão sobre o tema exposto é uma necessidade para que as variantes linguísticas deixem de ser, preconceituosamente, observadas e passem a ser consideradas objeto de estudo, inclusive, facilitadoras da aprendizagem linguística. Nessa vertente, há que se sugerir aos educadores que façam uso da sociolinguística na práxis escolar e não a deixem apenas ficar subjacente no eloqüente texto dos PCN.

1 A CONCEPÇÃO DA LÍNGUA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O homem constrói cultura própria, transmitida de geração para geração ao acumular experiências de sua comunidade e tudo isso ele realiza mediante o uso da língua - ferramenta basilar que propicia constante interação entre o sujeito e a sociedade. Assim, para que haja a inter-relação (sujeito-sociedade) é preciso fazer a junção entre língua e sociedade, porque se o homem se comunica por meio da língua e vive em sociedade é necessário que essa união se complete, uma vez que a língua, como sistema, segue cada passo da evolução da sociedade desvelando as diversas formas do comportamento humano e as variações que ocorrem em função da temporalidade espacial que a permeia. Como afirma Labov (In: MONTEIRO, 2000, p. 16-17):

A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade (...) A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.

Nessa perspectiva, trabalhar a língua em sala de aula nas veredas da teoria sociolinguística é mostrar aos alunos, entre outras questões, os discursos variados que circulam socialmente e suas respectivas valorações. Esse trabalho implica atividades de leitura reflexiva, as quais conduzam o aluno a perceber, entender e posicionar-se ante a variação que envolve e compõe a língua.

Diante do exposto, pensar uma nova concepção de prática de língua é ter que pensar também a linguagem como um conjunto de recursos expressivos, não-fechados e em constante transformação. Neste texto, propomos reflexões que possam subsidiar as práticas pedagógicas linguísticas que respeitem a diversidade, pois como bem expressam os PCN (1998, p.31):

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falarem certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expres-

sivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo, saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa (...) a questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem.

É oportuno entender que, além de ensinar a variedade culta que a língua apresenta, é necessário considerar todas as variedades lingüísticas que os alunos trazem de seus ambientes, pois não existe uma maneira certa ou errada para falar, o que existe são variedades distintas dentro de uma mesma língua, todas eficazes no viés da comunicação, ou seja, todas as variantes trazem apenas formas enunciativas diferenciadas, as quais acabam expressando o mesmo valor real de sentido.

Ao professor de Língua Portuguesa cabe a missão de conciliar teoria à práxis, isto é, há que orientar os alunos a ampliarem suas competências comunicativas e a darem real valor à variedade lingüística trazida de suas casas, sem taxá-la como “errada”. A intenção com essa atitude é proporcionar aos alunos momentos de reflexão lingüística, ao fazer com que explorem as diversas possibilidades de usos da linguagem, sejam elas deflagradas por questões regionais, sociais ou situacionais.

Um exemplo real de como as situações que envolvem a variação não são muito valorizadas no ambiente de ensino/aprendizagem encontra-se presente em alguns manuais didáticos, os quais têm apenas uma “nota introdutória” sobre variação ou ainda trazem para estudo tão somente um tipo de variação, sem sequer abordar os demais. Ponderemos: se o professor não tem o conhecimento teórico em relação à variação, ou caso tenha, não o coloca em prática, como será transmitido esse ensino ao aluno? O que notamos é que existe uma lacuna entre teoria e prática no que tange à função do professor na orientação do trabalho sociolingüístico, de tal modo que a teoria informa como funciona a língua, mas na prática essa teoria não é relacionada ao uso lingüístico, ou seja, o professor deixa de ensinar/orientar os alunos acerca das variações e seus funcionamentos.

Infelizmente, muitos professores ainda mantêm certos “ranços” em se tratando dos pressupostos sociolingüísticos e acabam por transmitir aos alunos a idéia equivocada de que a língua existe apenas calcada em uma variante: a língua padrão, tomada como a correta, desconsiderando as outras variantes. É preciso uma nova postura do professor em relação a esse ensino; é necessário que assuma a posição de constante mediador do conhecimento e coloque em prática o que a teoria afirma a respeito das variações existentes na língua. Primeiro há que se conscientizar de que a língua não é homogênea e que o normal está exatamente na heterogeneidade, há que entender, ele mesmo, que a variação torna o indivíduo capaz de compreender a sua relação lingüística com o mundo e que, ao estudar as variantes padrão e não-padrão, esse estudo o auxiliará a superar as necessidades inerentes à comunicação, além de perceber a dependência positiva estabelecida entre ambas.

Depois, em um segundo momento, deve trazer para a sala de aula, um estudo mais detalhado sobre a sociolingüística como prática de ensino, transformando as

variantes da língua em unidades de trabalho e instigando o aluno a valorizar o contato com o meio social, à observação dos fatores que influenciam os padrões da norma culta, tornando-o capaz de saber o funcionamento e a estrutura da língua de modo a fazer com que amplie, efetivamente, a sua competência discursiva, mediante reflexões continuadas.

1.1 A TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA: QUE TEORIA É ESSA?

Estudar sociolingüística, com fins didáticos, é adentrar em uma parte da lingüística que objetiva investigar a relação entre os fenômenos lingüísticos e sociais que corrobore para o ensino da língua, descrevendo as diferentes variantes que podem ocorrer em uma comunidade lingüística, sem que essas variantes sejam rotuladas como melhores ou piores, pois como afirma Bagno (1999, p. 40):

O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada”, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Desse modo, o ensino da língua, na maior parte das vezes, é vinculado estritamente à norma-padrão como a única forma admissível de ser abordada, o que não é salutar. Devemos “estirpar” esse preconceito e entender que o ensino da língua portuguesa, no nosso caso, não deve se preocupar apenas com o estudo do código lingüístico e de suas regras, mas também, com as funções sociais dos atos comunicativos, com as situações comunicativas, i.e, há que se observar as questões de uso que envolvem a língua.

Se entendemos que, modernamente, a sociolingüística procede de descrições paralelas, que progridem na mesma proporção, mas que são independentes, isto é, de um lado estão as bases sociológicas e do outro as estruturas lingüísticas, e a união de ambas resulta em descrições variadas da língua, analisadas em uma dada comunidade, então estamos aptos para valorar os usos lingüísticos. A sociolingüística, portanto, tem como função precípua analisar os aspectos sociais de uma comunidade de falantes, com a intenção de compreender a estruturação da língua mediante o condicionamento social, daí observar, por exemplo, as variações dos níveis de fala existentes na sociedade e detectar as diferenças entre as camadas sócio-culturais de falares com nível culto e popular.

1.1.1 A sociolingüística enquanto prática pedagógica

A respeito de tudo o que se tem abordado sobre a sociolingüística, trataremos de algumas questões que consideramos fundamentais para nortear a prática peda-

gógica do professor. Uma vez que nas situações de ensino da língua, a mediação do professor é necessária, porque cabe a ele mostrar/demonstrar ao aluno a importância que, no processo de interlocução, a consideração da palavra do outro assume, concordando-se com ela ou não. Dessa forma, organizar ações que possibilitem aos alunos o contato crítico/reflexivo com os recursos discursivos e lingüísticos e desenvolver o domínio das expressões oral e escrita em situações de uso público da linguagem levando em conta a situação de produção social e material é função do professor, função essa referida pelos PCN quando afirmam que:

A língua portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (PCN, 1999, p. 35).

Estudar as muitas variedades da língua é de extrema importância para que o aluno forme uma consciência lingüística voltada ao desenvolvimento da construção do saber e ative sua competência para compreender e respeitar os diversos falares existentes. Na verdade, não se trata de uma aprendizagem centrada somente na norma-culta padrão, postulada, muitas vezes, como única forma correta, mas sim uma aprendizagem voltada a um processo outro que mostre as variadas mudanças por que passa a língua e suas possibilidades de uso.

As concepções de ensino de língua e linguagem possuem extrema relação com o trabalho metodológico desenvolvido pelo professor, nessa perspectiva, o sociointeracionismo, estudo que tem a função de estabelecer a interação da língua com o social, desempenha papel importante ao nortear o ensino da língua materna. Para as correntes sociointeracionistas a linguagem é constituída, entre outras questões, pela interação comunicativa que resulta em construção de sentidos permeados pelos interlocutores, sujeitos esses que se situam em um meio social, de onde têm seus atos de comunicação criados pela situação, contextualização histórica e formas ideológicas.

Contudo, se não houver um procedimento claro, com objetivos bem definidos, o aluno não terá contato mais íntimo com a “ferramenta” da qual ele tanto utiliza: a língua, tendo bastante dificuldade em saber seu funcionamento e, conseqüentemente, valorizar a variação, que é um processo natural por que passam todas as línguas.

Dessa forma, acreditamos que o trabalho com a língua, desenvolvido à luz da teoria sociolingüística, é alternativa adequada se ensinamos desenvolver no educando a habilidade lingüística reflexiva,, tão apregoada nas atuais discussões teórico-acadêmicas que ocorrem. Assim, neste texto, tomamos a liberdade de tecer algumas sugestões que poderão ser aplicadas em sala de aula para condução dos objetivos propostos pelos estudos que se pautam no uso da língua.

2 SUGESTÕES DE ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

Mediante ao embasamento teórico citado e as reflexões desenvolvidas até o momento, nos propusemos a lançar sugestões de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula, com o intuito de colaborar para que as concepções de língua e linguagem sejam perpassadas pela teoria sociolingüística e a língua seja estudada pelo viés do uso.

Desse modo, para iniciar nossas atividades sociolingüísticas cremos que, em um primeiro contato com os alunos, pedir uma produção de texto seja interessante, tomando os devidos cuidados com a metodologia própria à produção textual em que escrevam sobre um tema com o qual tenham familiaridade. Após a produção, os alunos deverão fazer a troca de seus textos com os colegas para que todos tenham contatos com os variados textos elaborados. Em seguida, o professor pode observar as linguagens empregadas, próprias dos alunos, e começar a analisar as variantes da língua presentes nos textos. Pensamos em uma análise voltada aos próprios textos dos alunos. Logo, organizar esses textos, já corrigidos, e levá-los à sala, selecionar alguns, discutir e pontuar a variação existente para depois fazer a reescrita dos mesmos tomando a norma e explicando a adequação a outros contextos. Dessa forma, os alunos tenderão a manter um contato maior com os textos produzidos por eles mesmos, assim como a trabalhar a oralidade dessas produções mediante a leitura em voz alta, com o intuito de que percebam, na fala, as diferentes formas de pronunciar as variantes encontradas com o mesmo sentido de verdade.

Para dar continuidade às atividades, solicitar aos alunos uma pesquisa direcionada às variações existentes é um ótimo exercício para que conheçam as competências discursivas da comunicação, com o objetivo de ampliar suas habilidades comunicativas nas diferentes situações da fala. Depois, levá-los a associá-las com os diferentes gêneros textuais que circulam no meio social como: textos literários, textos jornalísticos, textos de revistas, blogs, e-mails e MSNs, entre outros, selecionar alguns e fazer leituras, em seguida analisar as variações presentes, o funcionamento na língua e quais os fatores que podem que influenciar essas variações percebidas.

Além de trabalhar a produção textual e a pesquisa, o professor pode sugerir exercícios de entrevistas (gravando-as em fita cassete ou até mesmo em MP3) em que os alunos entrevistem seus próprios colegas de sala, ou da escola, de tal modo que abordem tópicos, perguntas em que os informantes sintam-se “soltos” e “relaxem” a fala, como por exemplo: “Fale sobre um momento que marcou sua vida escolar”. Após a gravação devem proceder à transcrição das entrevistas e em seguida analisar a linguagem empregada, observando a oralidade e os padrões desses sons na escrita, de modo a identificar os elementos sociais que favorecem a variação. Pode ainda ser proposto aos alunos que verifiquem os recursos lingüísticos presentes próprios da fala, com objetivo de identificar os fatores que interferem para que essa variação aconteça.

Também o professor pode aproveitar o mesmo exercício e solicitar outros procedimentos: que os alunos façam um levantamento, nessas entrevistas, referente a algu-

mas variedades do léxico regional (garota/guria/piá, mandioca/macaxeira/aipim...) ou que gravem as programações televisivas que envolvam tanto variações regionais quanto socioeconômicas, ou os próprios jargões profissionais, para que possam desenvolver habilidades discursivas e saibam se posicionar nas diferentes situações comunicativas que serão apresentadas em algum momento de suas vidas.

É interessante, ainda, que o professor traga para a sala de aula textos do cotidiano, faça a leitura oral com os alunos e promova uma descrição sobre as variações que permeiam a linguagem, de modo a trazê-los para a realidade da língua envolta em transformações. Assim poderão pensar sobre o processo sistemático que envolve os fenômenos de variação linguística nos diferentes usos da Língua Portuguesa, seja na vida pessoal ou profissional. É preciso, porém, conscientizar-se de que todas as atividades são processos contínuos a serem trabalhados desde as séries iniciais até a formação continuada.

Acreditamos que fazer com que a sociolinguística tenha participação efetiva em sala de aula, no ensino da língua, é de extrema importância para o desenvolvimento do educando, uma vez que compreenderá e valorizará a linguagem como espaço de interação social, como conhecimento e estruturação da identidade cultural de modo a ampliar suas habilidades linguísticas em diferentes situações de participação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que abordamos até aqui quanto ao estudo da língua em relação aos fatores sociolinguísticos e suas variações, somos sabedores, mediante as observações e experiências vividas, que ainda existe um grande fosso entre a teoria e a prática linguística. Isso ocorre em especial quanto à variação linguística, pois parecem existir mais intenções de mudança quanto ao ensino da língua do que propriamente mudanças de fato.

É necessário que os professores exercitem em suas práticas pedagógicas o ensino da língua materna voltado, também, à variabilidade tão presente nos meios comunicativos, no dia-a-dia, quebrando o mito que envolve a visão equivocada de que só existe uma forma “correta” de falar, de comunicar-se e introduzam a orientação a seus alunos quanto às variações da língua.

Portanto, é de responsabilidade do educador, ensinar o aluno a utilizar as linguagens verbal, oral e escrita, em várias ocasiões, instrumentalizando-o a encarar as diversas situações linguísticas com que conviverá. Na prática escolar, aproveitar o linguajar que o aluno traz de seu ambiente familiar e realizar com ele atividades de modo a ressaltar a fala, a escrita e, ao mesmo tempo, levá-lo a refletir sobre o funcionamento da língua sob as diferentes esferas de circulação é função primordial do professor que atua no século XXI. Lembramos também que as reflexões aqui postas não se esgotam, ainda existe muito a ser feito em sala de aula, a ser teorizado. Desejamos que o presente texto seja, tão somente, mais um “fio condutor” de reflexões acerca da temática exposta.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüística*. o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística. In: MUSSALIM E BENTES F.A.C. (Org.). *Introdução à lingüística*: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004. p. 49-75.
- BRIGHT, William. O escopo da Sociolingüística. In: MONTEIRO, José Lemes. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.
- MOLLICA, Cecília; BRAGA, M. Leuza. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____. *Introdução à Sociolingüística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 9-14.
- PCN. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- PRETI, Dino. *Sociolingüística os níveis de fala*. Um estudo sociolingüístico do diálogo na Literatura Brasileira. 9. ed. São Paulo: Nacional, 2003.
- SGARBI, Q.F.M.Nara. *O olhar semiótico para entender o mundo*. [online]. *Revista Virtual INTERletras*, Dourados: Unigran, v. 1, n.5. jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.unigran.br/interletras>. Acesso em: 29 out. 2008.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola*: uma perspectiva social. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1994.